

1.24 • Conjuntura internacional

A FAIXA E ROTA E O CARÁTER CÍCLICO DA HISTÓRIA

Paulo Duarte

CONHECIDA EM PORTUGUÊS de Portugal por Faixa e Rota, a Nova Rota da Seda chinesa começou por se chamar One Belt One Road, para assumir posteriormente a designação de Belt and Road Initiative. Um plano multifacetado que a China concebe para combater os Three Evils (terrorismo, separatismo e extremismo) e desenvolver o *landlocked* Xinjiang, O Corredor Económico China-Paquistão (CECP) satisfaz simultaneamente dois grandes objetivos. Por um lado, visa ligar ininterruptamente o remoto Xinjiang ao oceano Índico, evitando Malaca (ou seja, o omnipresente receio de um bloqueio marítimo, do qual, contudo, a China nunca foi alvo até ao presente). As poupanças em termos de distância são consideráveis: o CECP tem um comprimento de cerca de 3 mil quilómetros, enquanto a rota convencional entre o Médio Oriente e os portos chineses tem um comprimento de cerca de 13 mil quilómetros. Por outro lado, o CECP vem estimular a criação de uma série de núcleos (como Kashgar e Gwadar), ao mesmo tempo que ambiciona promover laços mais robustos entre o Xinjiang e os países vizinhos, suscetíveis de sublimar tensões em benefício do comércio (Duarte, 2017a).

Outra grande alavanca da Faixa e Rota é a indústria da construção na China, precisamente o grande motor do crescimento da economia do país nas últimas décadas (se excluirmos a fase menos positiva que esta atravessa atualmente). A sobrecapacidade que o mercado doméstico chinês acusa ao nível da construção motiva a China a um *going abroad*, na expectativa de empregar empresas e trabalhadores chineses. Em jogo estão projetos que vão desde a tradicional construção, melhoria e/ou ampliação de infraestruturas marítimas, rodoviárias e aeroportuárias até empreendimentos de envergadura, como o da inauguração da primeira linha totalmente eletrificada em África, que liga a capital da Etiópia (Adis Abeba) ao porto da Cidade de Djibouti (BBC News, 2016).

Também é possível realçar a notável ambição de a médio/longo prazo ligar, por via férrea de alta velocidade, Londres a Pequim em 48h, bem como a China à América do Norte através da construção de um túnel subaquático no estreito de Bering (com cerca de 200 quilómetros) e, inclusive, a costa do Peru à costa do Brasil, ligando o Pacífico ao Atlântico (Lanjian e Wei, 2015). Estes empreendimentos, alguns mera especulação por ora, devem ser vistos numa perspectiva de anos, décadas, gerações. Eles refletem a essência estratégica do planeamento chinês: a China projeta quase sempre a longo prazo.

Naturalmente que, a serem concretizados, todos estes projetos operarão, subtil e gradualmente, uma *revolução* extraordinária ao nível da integração regional e mundial. Se, no passado, todos os

caminhos levavam a Roma, na *Pax Sinica* todos os caminhos conduzirão à China (Duarte, 2017b). A reemergência do outrora Império do Meio pressupõe uma ligação ininterrupta a mercados e recursos. Numa palavra, a Faixa e Rota chinesa é *conetividade*. Neste sentido, e porque a China percebe o que os Estados Unidos (EUA) compreenderam há várias décadas – curiosamente a doutrina naval chinesa inspira-se nas teses do americano Alfred Mahan –, a primeira base naval chinesa no estrangeiro (Djibouti) ou o Colar de Pérolas no Índico refletem a necessidade de uma marinha mercante ser amparada quer por uma marinha de guerra, quer por pontos de apoio ao longo do oceano (Holmes, 2016).

Um outro fator que está na origem da Faixa e

“
Um grande projeto, como é o da Faixa e Rota, necessita de uma moeda própria, libertando-se da zona de influência do dólar.
”

Rota é a questão energética. Até 1993, a China foi um grande exportador de petróleo. Porém, a partir de então, a produção interna não mais conseguiu acompanhar a crescente procura doméstica. Promovendo o *going abroad*, o Governo tem incentivado as suas National Oil Companies a adquirir o máximo possível de campos petrolíferos, *equity oil*, ou a promover *joint ventures* com vista à exploração de petróleo. No entanto, como a China chegou relativamente tarde ao mercado petrolífero internacional, numa altura em que os campos de petróleo mais profícuos haviam sido adquiridos por empresas ocidentais, os chineses ficaram com as jazidas mais remotas e menos interessantes. É neste contexto que surge a viragem para os chamados Estados-pária como o Sudão ou a Líbia, onde os chineses ficam em situação de (praticamente) monopólio, já que, fruto das sanções diplomáticas impostas pelo Ocidente a estes países, as companhias petrolíferas ocidentais não podem, conseqüentemente, negociar com tais produtores. No âmbito da Faixa e Rota, a China tem prosseguido a sua política de diversificação energética, já que no futuro o país vai continuar a importar cada vez mais petróleo. Com efeito, o fim da *política do filho único*, juntamente com a emergência de uma classe média (superior, em número, a toda a população dos EUA) que compra mais automóveis e viaja mais em transportes aéreos, vem complicar a equação energética. Esta

é, ainda, agravada pela crescente tendência de urbanização, já que um cidadão consome mais energia do que um habitante rural (Qiang e Chenghao, 2015).

A Faixa e Rota pressupõe igualmente um *going abroad* no que respeita à aquisição maciça de latifúndios, sobretudo em África, Ásia e América Latina. Em causa está a necessidade de garantir não só o acesso aos recursos energéticos, mas também a alimentos. Note-se que a China possui um quinto da população mundial, embora apenas sete por cento de terra arável.

O meio ambiente paga hoje uma pesada fatura, fruto do lema de que o desenvolvimento económico não poderia estar refém da proteção ambiental. Embora hoje os responsáveis chineses procurem ativamente inverter o paradigma, a verdade é que quinze das vinte cidades mais poluídas do mundo se situam na China. Acresce que cerca de 28 mil rios desapareceram nos últimos vinte anos e um quarto da população bebe água contaminada diariamente na China (Jacobson, 2015).

Breves notas, agora, sobre os fatores políticos e culturais (o *soft power*) inerentes à Faixa e Rota. A idealização da *Comunidade de destino comum* é, de acordo com Nicolas (2017), uma espécie de *vinho velho em garrafas novas*, com o objetivo de garantir a manutenção de um regime cada vez mais contestado. É este o entendimento de Pei (2015), segundo o qual se outrora o partido havia sido um timoneiro legítimo e respeitado, perdeu, contudo, a sua função mobilizadora, estando reduzido hoje a um grupo parasitário que divide mais do que une os vários setores da população. Percebendo essa fragilidade, resta ao partido sublimar o descontentamento interno, fomentando ideais nobres como a corrida ao Espaço, os Jogos Olímpicos e, recentemente, a Faixa e Rota. Esta

Países	Área Total (1000 ha)		
	2000-2011	2012-2016	2000-2016
Malásia	2803	934	3737
Estados Unidos	3112	203	3315
Reino Unido	1416	422	1838
Singapura	967	712	1679
Arábia Saudita	1414	24	1438
Países Baixos	1000	264	1264
Índia	1140	105	1245
Hong Kong	1082	-	1082
China	709	296	1005
Argentina	602	142	744
Chipre	-	445	445
Ihas Virgens	-	204	204
França	-	195	195
África do Sul	-	191	191

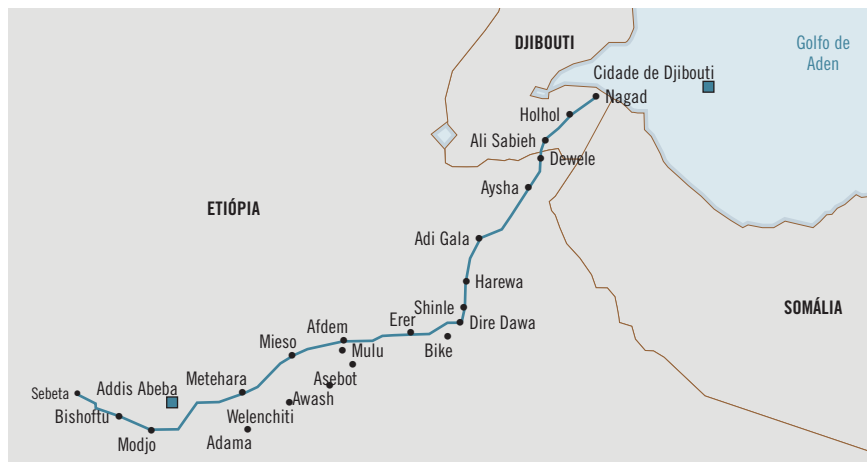
Os principais países investidores em latifúndios entre 2000-2016

Fonte: Adaptado de Land Matrix: Analytical Report II, 2016.



O Corredor Econômico China-Paquistão

Fonte: http://www.bjreview.com/Business/201705/t20170505_800095487.html



A primeira ferrovia elétrica em África

Fonte: <https://wp.nyu.edu/gallatin-global/category/africa-house-fellowship/>

visa devolver aos chineses o passado glorioso em que assentava a antiga Rota da Seda, um comércio *win win* e pacífico que o Império do Meio realizava com os restantes povos e civilizações. O *soft power* (a China é um ator tardio a este respeito) presente no *slogan* da *Comunidade de destino comum* é um instrumento habilmente utilizado pelo Partido, que percebe as vantagens de explorar a nostalgia, pragmatismo e recalçamento das humilhações infligidas pelo Ocidente à China.

Ligado aos aspetos políticos e económicos, surge a questão da diplomacia e instituições. A China tem procurado um maior reconhecimento para a sua moeda, o *renminbi*, em vários *fora* internacionais. Ao mesmo tempo, à exceção das Nações Unidas, Pequim sempre privilegiou o tratamento bilateral das grandes questões internacionais. Ainda hoje, em matéria de alegada *soberania* (como é o caso, na ótica chinesa, do mar da China meridional), o recurso ao multilateralismo é impensável. Tal não impede que a China reclame uma voz mais possante nos vários *fora*. Um multilateralismo com *características chinesas* tem vindo a gerar instituições nas quais a China assume um papel preponderante. São exemplo disso a Organização de Cooperação de Xangai ou, mais recentemente, o Banco Asiático de Investimento de Infraestrutura (BAII). O BAII é uma iniciativa multilateral chinesa que colheu uma extraordinária aceitação por parte de vários Estados-membros da União Europeia que, perante a clara oposição do tradicional parceiro EUA e a ausência de qualquer orientação/diretiva de Bruxelas, decidiram, por si próprios, não ficar indiferentes à proposta chinesa. Dito isto, e porque um grande projeto, como é o da Faixa e Rota, necessita de uma moeda própria, libertando-se da zona de influência do dólar, como preconiza Kyngé (2015), é expectável que a longo prazo o *renminbi* conquiste um maior estatuto internacional.

Considerações finais

Seria utópico que uma potência que moderniza as suas forças armadas, procura recuperar a sua economia, apostar no *soft power* para *corrigir* percepções e incutir o *Sonho Chinês*, não tenha um papel mais importante na condução dos assuntos mundiais. Perante uma história que Ken-

nedy (1989) estima ser cíclica, em que nenhum poder ou império permanece no auge *ad aeternum*, e num contexto de declínio *relativo* da superpotência EUA, autores como Fishman (2005) não duvidam da capacidade de a China poder vir a substituir os EUA no firmamento do poder mundial. A questão não se centra no *se*, mas no *quando* é que tal ocorrerá e que tipo de poder será a China. Uma potência do *status quo* ou revisionista? A *Faixa e Rota* pode bem ser a alavanca da substituição gradual da *Pax Americana* pela *Pax Sinica*. A base no Djibouti, a reivindicação da esmagadora maioria do mar da China meridional, a primeira lei antiterrorista chinesa que (desde dezembro de 2015) permite ao Exército Popular de Libertação intervir em condições especiais no estrangeiro para proteger os interesses e vidas de chineses, podem ser o início de um *revisionismo com características chinesas*. Ou talvez não, já que se a história for de facto cíclica, não haverá afinal nada de novo naquilo que a China está a fazer, porque outros já procederam de forma igual ou semelhante no passado. ■

Referências

- BBC News (2016). "Ethiopia-Djibouti electric railway line opens". October 5.
- Duarte, Paulo (2017a). *A Faixa e Rota chinesa: a convergência entre Terra e Mar*. Lisboa: Instituto Internacional de Macau.
- Duarte, Paulo (2017b). *Pax Sinica*. Lisboa: Chiado Editora.
- Fishman, T. (2005). *China, Inc.: How the Rise of the Next Superpower Challenges America and the World*. New York: Scribner.
- Holmes, J. (2016). "China's 'String of Pearls': Naval Rivalry or Entente in the Indian Ocean?". Pakistan Defence, March 1.
- Jacobson, L. (2015). "15 of 20 most polluted cities in world are in India, China, says Jim Webb". Polifact, October 15.
- Kennedy, P. (1989). *Naissance et Déclin des Grandes Puissances*. Paris: Éditions Payot.
- Kyngé, J. (2015). "China renminbi goal needs open markets". *The Financial Times*, July 29.
- Lanjian, C. et Wei, Z. (2015). "China OBOR in Perspective of High-speed Railway (HSR) – Research on OBOR Economic Expansion Strategy of China". *Advances in Economics and Business*, 3(8): 303-321.
- Nicolas, F. (2017). "The Economics of OBOR: Putting Chinese Interests First". In Ekman *et al.* (2017). "Three Years of China's New Silk Roads: From Words to (Re)action?" *Études de l'Ifrri*, February.
- Pei, M. (2015). "The Twilight of Communist Party Rule in China". *The American Interest*, November 12.
- Qiang, L. & Chenghao, N. (2015). "Transitioning Urbanization, Energy, and Economic Growth in China". *Cornerstone – The Official Journal of the World Coal Industry*.